

O "mafioso" italiano

Prisão de Rocco Morabito reforça a tese de que Brasil atrai muitos criminosos internacionais pela facilidade para se manterem incógnitos e por fazer parte de uma rota de distribuição de cocaína

Guaracy Mingardi

2 de junho de 2021

PEDRO LAREIRA/FOLHAPRESS



Agentes da Polícia Federal escoltam o italiano Rocco Morabito, preso no Brasil acusado de pertencer à máfia italiana e procurado pela Interpol

Recentemente o criminoso italiano Rocco Morabito foi detido na Paraíba, quase dois anos após uma bem-sucedida fuga de um presídio uruguaio. Sua prisão reforça a tese de que o Brasil é um país que atrai muitos criminosos internacionais. E isso ocorre por dois motivos: a facilidade de entrar no país e ficar incógnito e a condição do Brasil como rota preferencial da cocaína para a Europa.

Assim como a cocaína e o contrabando em geral têm fácil acesso ao território brasileiro, principalmente pelas fronteiras terrestres, o ingresso de estrangeiros no Brasil é pouco ou nada controlado. A exceção fica por conta dos aeroportos internacionais, onde a vigilância é mais acirrada. O que nunca impediu a entrada de visitantes indesejáveis, desde que possuam documentos falsos ou não constem em lista de procurados.

Além disso somos um país com várias metrópoles onde é fácil desaparecer na multidão. E inúmeros locais turísticos com estrangeiros de todas as nacionalidades. E essa situação se reflete no imaginário popular, onde o Brasil seria a terra onde todos podem se esconder. Pelo menos desde 1970, quando Ronald Biggs, ladrão inglês e um dos responsáveis por um dos crimes mais famosos do século passado, o assalto ao trem pagador, se refugiou da polícia inglesa no Rio de Janeiro. E de onde só saiu há poucos anos, quando voltou para a Inglaterra e se entregou à polícia, para ser tratado de uma doença terminal na cadeia. Talvez por essa história de "sucesso", inúmeros filmes americanos ou europeus mostram sempre criminosos falando em se refugiar no Brasil.

O segundo motivo da presença de criminosos internacionais no Brasil tem a ver com a exportação de cocaína boliviana e peruana. Ela chega ao Brasil normalmente via Paraguai e é exportada principalmente para a Europa e Oriente Médio. Outras mercadorias,

como a maconha paraguaia, não percorrem o mesmo trajeto. Normalmente a maconha consumida na Europa vem do norte da África, muito mais perto e só tendo que atravessar o Mediterrâneo de lancha.

Rocco Morabito, possivelmente, pelo que se sabe, é membro da 'Ndrangheta, tida erroneamente como a Máfia Calabresa. Na verdade, ela é uma organização criminosa de estilo mafioso, mas sem relação com a Máfia Siciliana, muito mais conhecida, mas com menos presença no Brasil. E também, com certeza, o maior grupo comprador da cocaína que passa pelo Brasil. A polícia italiana calcula que mais de 50% da droga que circula na Europa passa pelo porto de Gioia Tauro, controlado por essa organização.

Segundo fontes da Polícia Civil paulista, esse grupo está presente no Brasil há pelo menos dez anos, sendo que normalmente apenas compra a cocaína aqui e recebe na Itália. A aquisição inicial da droga é feita por brasileiros, que a encaminham aos portos, principalmente Santos, e se encarregam de embarcá-la, ficando os criminosos calabreses apenas com o trabalho de recolhê-la nos portos europeus.

Essas transações normalmente são feitas com membros de alto escalão do PCC (Primeiro Comando da Capital), praticamente a única das grandes organizações brasileiras que exporta coca. E essa exclusividade se acentuou após a morte do traficante Jorge Rifaat em 2016 no centro de Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia geminada a Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. Rifaat, que era um dos grandes intermediários do tráfico para o Brasil, foi eliminado para que o Primeiro Comando pudesse ter maior controle da rota de tráfico que utiliza essas duas cidades.

E com o controle da rota o relacionamento PCC/'Ndrangheta se acentuou, tanto que nos últimos três anos a Polícia Civil paulista e a Federal apreenderam várias partidas de coca para a Europa no porto de Santos. Bem como prenderam alguns portuários que colocavam a droga nos containers. É importante frisar que nem só de Santos ou da organização calabresa vive o tráfico para a Europa. Em outros portos brasileiros já foram apreendidas partidas de cocaína para exportação, e, além dos italianos, outros grupos criminosos também usam essa mesma rota e contatos.

É o caso de uma quadrilha comandada por sérvios e presa pela Polícia Federal após uma informação fornecida pelo DEA (Drug Enforcement Administration). O modus operandi dessa quadrilha que, ao contrário dos italianos, tinha vários residentes no Brasil, era de comprar do PCC e enviar para Roterdã, Amsterdã ou Antuérpia. Nesses portos a droga era entregue pelo método "Rip-load (rip on) / Rip-off", "içamento" ou "pescaria" que consiste em jogar a droga no mar antes de atracar e recolhê-la com pequenos barcos.

Essas duas organizações de tráfico internacional certamente não são as únicas atuando no Brasil. E, portanto, não é nada demais supor que a estada de Morabito em nosso país tivesse, pelo menos, três finalidades: esconder-se da Interpol, sob cujo mandado foi preso, comprar cocaína a ser entregue nos portos sob seu controle e, por que não, aproveitar as belas praias do nordeste brasileiro. Resta saber quantos mais estão se aproveitando do anonimato oferecido pelo Brasil.

Guaracy Minguardi

Analista criminal e associado ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://fontesegura.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/mut5dfvurz>

